

Tá rindo de quê?

Fabiana Lazzari

Universidade de Brasília - UnB (Brasília, Brasil)

Liliana Pérez Recio

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis, Brasil/Cuba)

Paulo Balardim

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis, Brasil)



Figura 1 – Professor Tiridá, Boneco do Grupo Mamulengo Só-Riso, de Olinda – PE.
Foto: Acervo Fernando Augusto.

DOI: <https://doi.org/10.5965/2595034701262022011>

Tá rindo de quê?

Fabiana Lazzari¹Liliana Pérez Recio²Paulo Balardim³

Resumo: O texto apresenta a edição n. 26 da Móin-Móin - Revista de Estudos Sobre Teatro de Formas Animadas, com o tema O riso e o grotesco no Teatro de Animação, elencando as principais questões que provocaram os autores e apresentando a síntese dos artigos publicados.

Palavras-chave: Revista Móin-Móin; Teatro de Animação; riso; grotesco.

What are you laughing at?

Abstract: The text presents edition n. 26 of Móin-Móin Magazine - Studies in The Arts of Puppetry, with the theme Laughter and the grotesque in the Puppetry, listing the main questions that provoked the authors and presenting the synthesis of the published articles.

Keywords: Móin-Móin Magazine; Puppetry; laughter; grotesque.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Artes Cênicas-CEN e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas-PPGCEN, do Instituto de Artes-IdA, da Universidade de Brasília - UnB. Coordena o Projeto de Extensão de Ação Continuada LATA-Laboratório de Teatro de Formas Animadas e do Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq-LATA/UnB. Doutora e Mestre em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro-PPGT, da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Licenciada em Educação Artística-Habilitação em Artes Cênicas (UDESC). Bacharel em Educação Física (UDESC). Atriz, Sombrista, Arte-educadora, Gestora e Produtora Cultural e fundadora da entreAberta Cia Teatral e do SKIA-Espaço da Sombra. E-mail: fabianalazzari@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2757-2087>

² Doutora pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2022), Bacharel em Teatro pelo Instituto Superior de Arte (2000) de Havana, Cuba, diretorat, atriz, Integrou o elenco do *Teatro Nacional de Guiñol* durante nove anos. Trabalhou como atriz no cinema, rádio e televisão em Cuba. Fundou *El Arca Teatro Museo de Títeres* (2010) em Havana. E-mail: bastianybastiane@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3768-9599>

³ Professor Associado na área de Prática Teatral-Teatro de Animação, no Departamento de Artes Cênicas e no Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Artes-CEART da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Coordena o Programa de Extensão Formação Profissional no Teatro Catarinense. Pós-Doutorado em Teatro de Animação (Université Paul Valéry-Montpellier III), Doutor (PPGT/UDESC) e Mestre (PPGAC/UFRGS) em Artes Cênicas, Licenciado em Letras-Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (ULBRA). E-mail: paulobalardim@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2586-2630>

Para esta chamada da edição no. 26 da revista Móin-Móin, nossa preocupação foi fomentar a discussão acerca do risível, seu poder de influenciar, catalisar, extravasar e revelar valores dentro de uma sociedade.

Para tanto, lançamos as seguintes provocações aos autores: Quais as potências, a dimensão política e contraventora e a simbologia do riso e do grotesco em diálogo com o Teatro de Animação (máscaras, bonecos, sombras e outras modalidades) em uma sociedade? Quais são os personagens e as obras icônicas, suas histórias, características, representatividade e como repercutem em diferentes culturas e épocas. Como o risível se transforma perante as reivindicações e as lutas sociais no século XXI e quais os impactos na produção de espetáculos e na recepção do público?

Fiódor Dostoiévski, na obra *O adolescente*, diz que

O riso exige antes de tudo franqueza: onde encontrar franqueza entre os homens? O riso exige bondade, e as pessoas na maior parte do tempo riem maldosamente. O riso franco e sem maldade, é a alegria: onde encontrar alegria em nossa época(...)? (DOSTOIÉVSKI, 1960, p.335)

Da citação, depreendemos dois tipos de riso: o riso bondoso e o riso maldoso, sendo que, para o dramaturgo, o primeiro corresponderia à alegria. Será que é esse o riso que temos exercitado?

Assim, os artigos selecionados revelam alguns aspectos sobre o riso e o grotesco e a dimensão que têm assumido em nossas produções. Saber do que estamos rindo revela muito de nós mesmos e é preciso estar atento a isso.

Em resposta a nossa provocação, fomos provocados! Recebemos inúmeros textos “desobedientes”: temos aqueles que desafiam a escrita acadêmica, seja ao misturar ficção e realidade, dando voz aos personagens ficcionais, seja ao priorizarem uma grafia calcada na oralidade, no intuito de expressar formalmente o próprio conteúdo de que tratam; temos aqueles que gritam contra as formas opressoras e retrógradas que o riso pode assumir, pois o riso deve ser libertador e se adaptar à evolução dos valores sociais. Sombras,

máscaras, bonecos... festejos populares, bufonaria...pedagogia...esses são alguns dos ambientes de estudo em que o riso e o grotesco foram abordados.

Nos artigos que seguem na seção temática, nesta edição, autores e autoras que colaboram com suas pesquisas e pontos de vista: *André Carrico* investiga a dimensão grotesca do imaginário popular brasileiro e a paródia como recurso de comicidade, presentes na visualidade e nos jogos de cena do Teatro Popular do Nordeste. Para isso, ampara-se conceitualmente nas ideias de Mikhail Bakhtin e Vladímir Propp, entre outros teóricos; *Barbara Benatti e Joana Viana* analisam a “potência, a dimensão política e contraventora” na brincadeira de Mamulengo *Congresso Feminino*, do grupo Mamulengando Alegria, de Glória do Goitá – PE, um grupo formado por brincantes mulheres. Ao refletir sobre a brincadeira, as autoras trazem a discussão sobre a natureza do risível e o quanto ele pode se amparar em preconceitos arraigados socialmente, bem como sobre a necessidade de atualização de certos valores sociais; *Cláudia Sachs* argui sobre a formação do ator teatral, a partir do trabalho com as máscaras larvárias, na Escola de Jacques Lecoq, bem como analisa o papel da comicidade em sua proposta pedagógica. Pedagogia essa que atribui importância ao jogo, ao improviso e à técnica corporal como disparadores do riso; *Danielle Araújo, Glaudiver Junior e Paulo Souza* nos trazem um relato da adaptação do texto *Lisístrata* para o teatro de bonecos e, a partir dos os desafios e descobertas compartilhados, analisam o processo de transposição do risível e do cômico, presente na obra de Aristófanes, para o espetáculo do Grupo Paideia; *Douglas Kodi* trata da máscara do personagem Arlequim (e seu mito) na *Commedia dell'arte*, cruzando-o com o imaginário fantástico da cultura brasileira, em especial, o que envolve a lenda do Sacy Pererê. Nessa encruzilhada cultural, observa elementos do grotesco que se manifestam; *Oswaldo Anzolin* desenvolve seu texto a partir do riso irônico contido no espetáculo *O Cabaré dos quase-vivos*, do Grupo Sobrevento, de São Paulo. Valendo-se de importantes teóricos como Bergson, Propp e Bakhtin, entre outros, Anzolin discorre sobre a natureza da comicidade presente nesse espetáculo, em repertório há mais de quinze anos, o qual “desnuda a crueldade dos homens de bem” apresentando uma

roupagem de “entretenimento superficial”, sem abdicar do envolvimento emocional que provoca no público; *Rogério da Silva e Tácito Borralho* discorrem sobre os personagens típicos das festividades populares maranhenses, suas máscaras e o aspecto cômico e grotesco que assumem, desde o processo da sua feitura até sua manifestação nas ruas; *Stefanie (Tefa) Polidoro*, por meio de um diálogo com seu alter-ego bufo, *Ternurinha*, faz uma reflexão sobre a natureza do grotesco presente na nossa vida cotidiana. Por meio de uma escrita performática, dá voz a sua personagem para debater o riso como gesto social; *Tânia Mendonça* traz a análise da obra da bonequeira Maria Mazzetti, à luz das ideias de comicidade e riso presentes em seus textos e sob a perspectiva do teatro destinado ao público infantil; *Welerson Filho* discute a comicidade no teatro de sombras brasileiro, a partir da observação de alguns espetáculos contemporâneos e de um passeio sobre as formas tradicionais de teatro de sombras no mundo e sua relação com o derrisório.

Na seção de artigos que não estão relacionados à temática proposta por esta edição, temos ainda: *Ariane Barros e José Parente*, que perscrutam a natureza do objeto performático e sua relação com o teatro de objetos contemporâneo, levantando procedimentos usuais e refletindo sobre o modo como eles influenciam a criação artística; *Scarlett do Valle*, a qual compartilha sua pesquisa sobre o corpo-marionete, examinando a ressignificação do corpo do ator a partir estilo *ningyō buri*, do *kabuki*, inspirado no *bunraku*, e no filme *Tambores sobre o dique* do *Théâtre du Soleil*; *Horacio Tignanelli*, que nos apresenta suas “cápsulas dramáticas”, pequenas caixas artísticas que apresentam conteúdo repleto de teatralidade, desenvolvidas a partir da “patafísica” de Alfred Jarry e do *galumphing* de Stephen Miller.

Esperamos que esses treze artigos selecionados instiguem o leitor a refletir sobre o Teatro de Animação, sua força e sua potência transformadora, criativa e contraventora: nos tempos em que estamos vivendo, mais do que rir, temos que aprender o que se torna risível e por quê.

Gostaríamos de dedicar esta edição da Móin-Móin ao Mestre, pesquisador e bonequeiro Fernando Augusto Gonçalves Santos (1947-2022), do

Grupo Mamulengo Só-Riso, de Olinda-PE, por sua enorme contribuição ao desenvolvimento e reconhecimento do Teatro de Bonecos brasileiro.

Referência

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Adolescente**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.